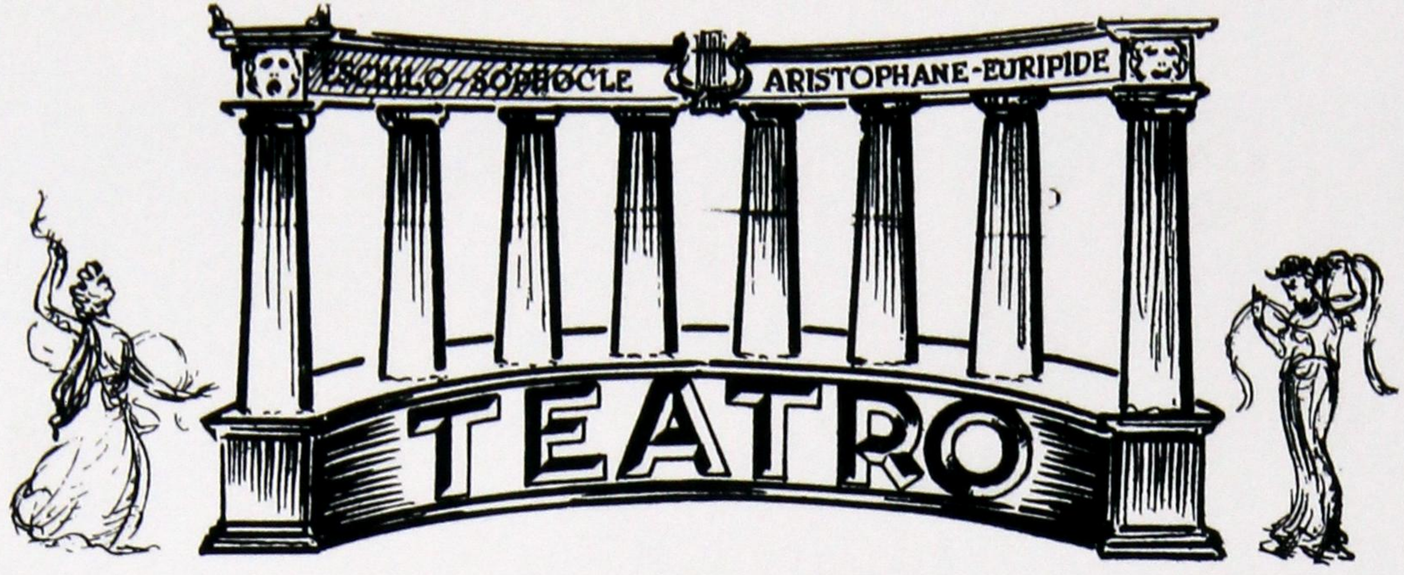


Ernesto Varzea (Balmaceda)

Não é bem um programa o que desejamos trazer para aqui. A orientação da revista é a que lhe marcará a sua direcção; e a desta página, dentro do plano geral, está definida no seu título: fazer, número a número, um raconto de coisas dos nossos teatros.

Lembrar coisas passadas, arquivar as do presente, dizer da nossa justiça.

Seremos cronista, noticiarista e, quando adregar, exerceremos acção crítica.

A orientação da página será, assim, determinada pela oportunidade, apontando tudo o que soubermos e acharmos de utilidade ou necessidade lembrar, comentar ou sugerir neste sector da actividade artística tripeira — o Teatro — outrora tão querido do nosso povo (e que bem servido êle foi!) e hoje tão fraquinho que o «mercado» portuense está limitado a subsidiário das emprêsas da Capital que ao Pôrto queiram ou... tenham necessidade de vir. E cá está um assunto que dava para mais largas considerações... Dava e há-de dar que a êste tema voltaremos mais de espaço.

Um espectáculo do «Grupo Académico do Pôrto» há 40 anos

Foi precisamente há 40 anos — fê-los no dia 16 de Março — que o «Grupo Académico do Pôrto» realizou no Teatro Príncipe Real um «sarau a favor dum estudante pobre, e dedicado à ilustre Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto», conforme resa o programa impresso a azul sôbre setim côr de rosa, como então era de uso em festas dêste género.

Abria o programa com dois números executados pela Tuna Académica: «Avante», de Lemos, e «Salero» de Simões Carvalho. Seguiam-se fados cantados pelo académico Manassés de Lacerda, acompanhado à guitarra e violas pelos académicos Moniz e Casimiro Barbosa (o antigo director dos Correios Canto Moniz, pai do clínico do mesmo nome, e o ilustre professor Raúl Casimiro).

Como terceiro número, um monólogo recitado pelo académico Luiz Barbosa (o saüdoso escritor Carvalho Barbosa).

A primeira parte do espectáculo terminava com um «solo de violino pelo insigne maestro Nicolino Milano».

Preenchia a segunda parte a representação de «Uma estúrdia», «farça cómica em um acto escrita expressamente para êste sarau pela distinta actriz e escritora D. Emília Eduarda». O desempenho estava a cargo de Manassés, A. Pinto, A. Tâmega (Armando Tâmega, há muitos anos no Brasil, de onde vem, neste momento, a caminho de Portugal), Guerra Leal, A. Moniz e C. Cabral (o major-farmacêutico Costa Cabral, residente em Lisboa, ex-presidente do Município de Coimbra).

A terceira parte do sarau abria com um solo de violoncelo, por C. Guilez; seguiram-se «Versos» por Augusto Veras; «Avé-Maria», de Gounod, para piano a quatro mãos, pelos académicos Prazeres Reis (residente em Aveiro, onde cremos ser funcionário das Finanças) e G. Leal.

Depois o académico Thomaz Abbott (o falecido artista Tomaz Costa, que ainda há anos vivia nesta cidade) pintava telas a óleo entre 5 a 10 minutos; Manassés recitava um monólogo e a Tuna encerrava o espectáculo com dois números: «Rapsódia de Cantos Populares» de António Ferreira Júnior e «Polka des Bossus» de Baldeau. Benjamim Gouveia esteve ao piano.

O «Grupo Académico do Pôrto» em 8 de Dezembro do mesmo ano foi à Póvoa repetir o espectáculo com poucas alterações. Tomou parte a «Estudantina» do Grupo; representou-se a peça de Emília Eduarda sob o título «Uma estúrdia académica», em cuja distribuïção nos aparecem novos nomes: Samuel Azevedo, substituindo Manassés de Carvalho, Amadeu Encarnação (mais tarde médico no Marco), Amílcar Monteiro (inspector dos Correios em Lisboa).

Mais fados, mais guitarradas e, como número novo, «Uma viagem à Galiza», «comédia em verso em 1 acto, original do distinto poeta Dr. Abílio Campos Monteiro», em que entravam: um poeta nefelibata, um poeta lírico, um poeta realista, um estudante, um fidalgo e... um senhorio.

Aparecem no programa mais três nomes novos: Luiz Gomes, como enscenador; Gonçalves, como ponto e D. Costa, como regente. O primeiro era Luiz Ferreira Gomes, há pouco falecido, que foi director no Pôrto da Agência Havas; o ponto era José Gonçalves Pereira, autor de várias peças operárias e que exerceu o cargo de revisor do «Primeiro de Janeiro» por algumas dezenas de anos; o último, o professor de música Domingos Costa.

À lembrança de tantos académicos de 1905, felizmente ainda vivos, oferecemos esta nota que despertará saüdades em muitos que nestes saraus tomaram parte ou a êles assistiram e — quem sabe? — algumas lágrimas sentidas nos olhos de certas «gentilíssimas damas» a quem o segundo espectáculo era dedicado e cujos cabelos se pratearam nestes quarenta anos decorridos...

ARTISTAS DO PÔRTO — Soares Correia

Neste canto, destinado a artistas portuenses vivos, figura em primeiro lugar o popular actor Soares Correia. Merece-o, por ser entre os actores tripeiros em actividade o que maior popularidade conquistou nesta cidade. Tem no seu repertório algumas dezenas de *compadres* de revista. Nem sempre os revisteiros cuidam esta interessante personagem de comentador oportuno e crítico dos costumes com o cuidado requerido, imprimindo-lhe carácter próprio. Disso se ressentiram muitas das suas interpretações, obrigando-o a repetir-se e a suprir, com os seus recursos, o que o papel lhe não sugeria suficientemente.

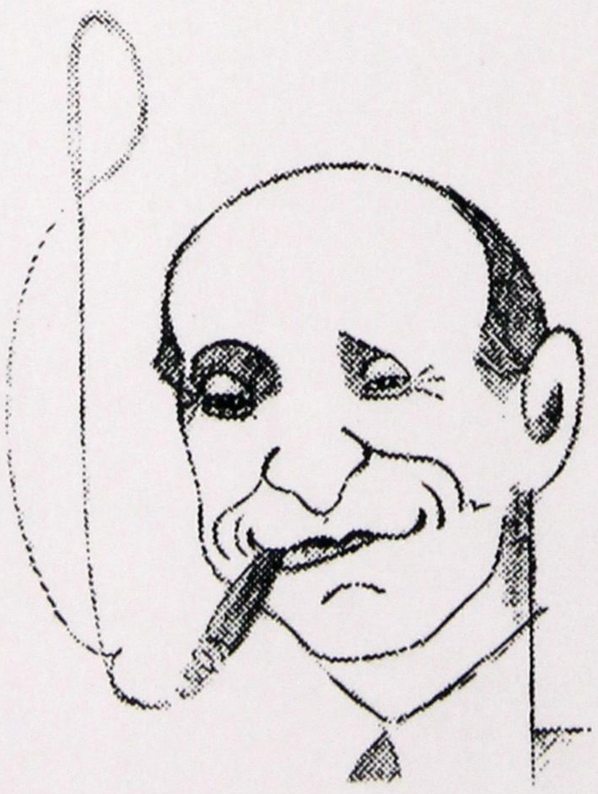
Seja como fôr, o seu feitio pessoal, o burlesco das atitudes, a acentuação de certas frases, conquistaram simpatia e, pode dizer-se, herdou a popularidade que, antes dêle, o vélho Oliveira manteve muitos anos.

Fora dos *compadres*, a galeria das suas criações regista alguns tipos de revista e de opereta, interpretados com correcção, sem desferir largos vôos, mas não desmerecendo em apreciáveis conjuntos.

António Soares Correia, nasceu no Pôrto, na freguesia de S. Nicolau, no dia 5 de Janeiro de 1886. Foi componente da Tuna dos Empregados do Comércio, onde tocava violino. Fêz depois parte do corpo cénico do Grupo dos Modestos.

Estreou-se, como profissional, no Teatro Carlos Alberto, na revista «Cócórócó», em 12 de Outubro de 1912.

Actualmente faz parte da Companhia do Teatro Avenida, de Lisboa (Emp. Rosa Mateus).



SOARES CORREIA
Caricatura de CRUZ CALDAS

5 - 1945